

“E então só ficam as histórias...”

**Relato de experiência das Rodas de Conversa\Leitura na comunidade quilombola de Chumbo no município de Poconé em Mato Grosso/BR<sup>1</sup>**

“Y entonces solo quedan las historias...”

*Informe de experiencia de Ruedas de Conversación\ Lectura en la comunidad quilombola de Chumbo en el municipio de Poconé en Mato\Grosso*

“And then only the stories remain...”

*Experience Reports of Conversation\Reading circles in the Quilombola community of Chumbo in the municipality of Poconé in Mato Grosso*

**Cleonice Terezinha Fernandes<sup>2</sup>**

**Iane Thé Pontes<sup>3</sup>**

**Edenar Souza Monteiro<sup>4</sup>**

**Maria das Graças Campos<sup>5</sup>**

**Resumo**

O presente relato trata do processo vivenciado nas Rodas de Leitura/conversa, quinzenalmente, junto às lideranças dos quilombos do município de Poconé, Mato Grosso. As Rodas aconteceram de maneira centralizada na comunidade quilombola de Chumbo e faziam parte de um projeto maior do SEBRAE/MT para identificação dos sistemas produtivos das comunidades quilombolas tradicionais de Mato Grosso, cujo objetivo era propor metodologias de promoção da melhoria da qualidade de vida. Dentre os cento e quarenta e três (143) municípios de MT, dez (10) possuíam comunidades quilombolas, perfazendo 69 quilombos na época com processos formalizados pelo INCRA. Dentre estes o município de Poconé possuía 27 deles, motivo para ser eleito para o trabalho em tela. Na Roda agregaram-se oficinas de capoeira, amarração em tecido, maquiagem, culinária/dança e penteados afro-brasileiros, percussão, teatro, arte-educação, Dança Circular. Este texto expressa a visão da autora, sobre os desdobramentos em ações/produções de autoria do grupo, propiciadas a partir das rodas de leituras/diálogos e da intertextualidade possibilitada pelo documento de apoio: o livro *História e Cultura Negra – Quilombos em Mato Grosso* (SEDUC/MT, 2008) - ferramenta didática para os professores das escolas

<sup>1</sup> Artigo apresentado no I Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, 2019.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Motricidade; Universidade de Cuiabá-UNIC; Cuiabá, Mato Grosso\Brasil; [cleo\\_terezinha@hotmail.com](mailto:cleo_terezinha@hotmail.com)

<sup>3</sup> Engenheira civil e analista do SEBRAE\MT; Cuiabá, Mato Grosso\Brasil; [iane.pontes@mt.sebrae.com.br](mailto:iane.pontes@mt.sebrae.com.br)

<sup>4</sup> Doutora em Educação; Universidade de Cuiabá-UNIC; Cuiabá, Mato Grosso\Brasil; [edenar.m@gmail.com](mailto:edenar.m@gmail.com)

<sup>5</sup> Doutora em Educação; Universidade de Cuiabá-UNIC; Cuiabá, Mato Grosso\Brasil; [mdgcampos@uol.com.br](mailto:mdgcampos@uol.com.br)

estaduais e municipais em cumprimento a Lei Nº 10.639 de 2003 que altera a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), ao incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-Brasileira* e desvelar a história de nossa mãe África. Desenvolvida na perspectiva do movimento internacional Educação para a Paz, o processo da Roda possibilitou uma revisão crítica sobre a história nacional e local, suas imbricações com a história concreta vivida durante a colonização da região, passando a se constituir como um bom referencial para a continuidade da proposta de revitalização das comunidades tradicionais de Mato Grosso na perspectiva do seu protagonismo histórico, necessário e cada dia mais emergente.

Palavras-Chave: Afrodescendência; ensino informal; histórias orais; quilombos; racismo.

### Resumen

El presente informe de experiencia aborda el proceso experimentado en las Ruedas de Lectura/Conversación, quincenalmente, junto con los líderes de los quilombos del municipio de Poconé, Mato Grosso. Las Ruedas tuvieron lugar en la comunidad quilombola de Chumbo y formaron parte de un proyecto más grande de SEBRAE/MT para identificar los sistemas productivos de las comunidades quilombolas tradicionales de Mato Grosso, cuyo propósito era proponer metodologías para promover el mejoramiento de la calidad de vida. Entre los 143 municipios de MT, diez (10) tenían comunidades quilombolas, haciendo 69 quilombos en ese momento con procesos formalizados por el INCRA. Entre ellos, el municipio de Poconé tenía 27 de ellos, razón para ser elegido para trabajar en lienzo. En las Ruedas se agregaron talleres de capoeira, amarre de telas, maquillaje, estilos de cocina/danza y afro-brasileños, percusión, teatro, educación artística, danza circular. Este texto expresa la opinión del autora sobre las acciones/producciones de la autoría del grupo, propiciadas por las ruedas de las lecturas/diálogos y la intertextualidad posible gracias al documento de apoyo: el libro *Historia y cultura negra - Quilombos en Mato Grosso* (SEDUC/MT, 2008) - una herramienta de enseñanza para maestros de escuelas estatales y municipales en cumplimiento de la Ley No. 10,639 de 2003 que modifica la Ley de Directrices y Bases de La Educación Nacional (9394/96) para incluir en el currículo oficial de la red docente la obligación del tema *Historia y Cultura Afrobrasileña* y desvelar la historia de nuestra madre África. Desarrollado desde la perspectiva del movimiento internacional para la Educación para la Paz, el proceso de Ruedas permitió una revisión crítica de la historia nacional y local, su superposición con la historia concreta vivida durante la colonización de la región, convirtiéndose en una buena referencia para la continuidad. De la propuesta de revitalización de las comunidades tradicionales de Mato Grosso en la perspectiva de su protagonismo histórico, necesario y cada día más emergente.

Palabras llaves: Afrodescendencia; enseñanza informal; historias orales; quilombos; racismo.

### Abstract

This report deals with the process experienced in the Reading/Conversation Circles, fortnightly, with the leaders of the quilombos of Poconé, Mato Grosso. The Wheels took place centrally in the quilombo community of Chumbo and were part of a larger SEBRAE/MT project to identify the productive systems of the traditional quilombola communities of Mato Grosso, whose objective was to propose methodologies to promote the improvement of quality of life. Of the one hundred and forty-three (143) municipalities of MT, ten (10) had quilombola communities, totaling 69 quilombos at the time with processes formalized by INCRA. Among these the municipality of Poconé had 27 of them, reason to be elected for the work on screen. In circles were added: capoeira, fabric lashing, makeup, cooking/dance and Afro-Brazilian hairstyles, percussion, theater, art education, Circular Dance workshops. This text expresses the author's view on the developments in actions/productions authored by the group, provided by the readings/dialogues and intertextuality enabled by the supporting document: the book *History and Black Culture - Quilombos in Mato Grosso* (SEDUC/MT, 2008) - teaching tool for teachers of state and municipal schools in compliance with Law 10.639 of 2003 amending the LDB - Law of Directives and Basis of National Education (9394/96), by including in the curriculum official of the school system the obligation of the theme *Afro-Brazilian History and Culture* and unveil the history of our mother Africa. Developed from the perspective of the International Education for Peace movement, the circles process made it possible to critically review national and local history, its implications for the concrete history lived during the colonization of the region, and became a good reference for continuity of the proposal of revitalization of the traditional communities of Mato Grosso in the perspective of its historical, necessary and increasingly emerging protagonism.

Keywords: African descent; informal education; oral histories; quilombos; racism.

## 1. Introdução

O SEBRAE<sup>6</sup> tem como meta apoiar o desenvolvimento sustentável de comunidades tradicionais, além da sua já consagrada missão junto ao micro e pequeno empresário (a).

Uma das metas do SEBRAE/MT é fazer a identificação dos sistemas produtivos das comunidades quilombolas tradicionais de Mato Grosso, com o objetivo de propor metodologias que promovam a melhoria da qualidade de vida. Foram identificados dentre os cento e quarenta e três (143) municípios de MT, dez (10) que possuíam comunidades quilombolas; estes somam setenta e três (73 – dados de 2018) delas, com processos de reconhecimento como quilombos formalizados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA<sup>7</sup>. Dentre os 10 municípios, Poconé destaca-se com o maior número de comunidades quilombolas oficialmente reconhecidas, somando vinte e sete (27) no total do município; e portanto foi escolhido como local sede da ação que culminou neste relato de experiência das rodas de conversa.

Rodas de Conversa - uma metodologia que ajuda as pessoas envolvidas a terem percepções diferentes de um mesmo conteúdo enriquecendo o seu próprio conhecimento, facilitando o enxergar de outros pontos de vista; tem sido cada vez mais adotada em ambientes educativos, que inclui escolas e congêneres. As nossas Rodas aconteciam quinzenalmente durante todo o um ano e meio da experiência e contaram com a participação de 15 (quinze) líderes dos quilombos de Poconé, representantes de suas principais comunidades. Fomos mais de 50 (cinquenta) pessoas que ao longo de pouco mais de um ano imbricaram-se na questão da negritude na região, aceitando o desafio do SEBRAE/MT de desvelar esta identidade que está tanto oculta, quanto à flor da pele, num delicado paradoxo.

---

<sup>6</sup> O SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - integra o Sistema S (SENAI, SEST, SENAR, SESI, SESC e SENAC) desde 1990 (pós CF/88 quando passa a ter características de serviço social autônomo) criado pela Lei 8.029/90 e passa a se constituir como entidade civil sem fins lucrativos; [http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/quem\\_somos?codUf=12](http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/quem_somos?codUf=12)

<sup>7</sup> A regularização fundiária ainda está em tramitação nas 73 comunidades quilombolas em Mato Grosso, cujos processos estão abertos. A comunidade de Mata Cavallo (Nossa Senhora do Livramento) cujo processo está mais avançado, encontra-se na fase de ajuizamento de ações para desapropriação. Segundo o INCRA, a titulação definitiva virá apenas quando todos os imóveis que compõem estes territórios forem desapropriados.

Neste relato apresentaremos reflexões históricas e teóricas e alguns depoimentos que nasceram espontaneamente no decorrer da experiência com as Rodas. Foram muitos outros causos, histórias, contos, humanidades, cuja dimensão afetiva não cabe neste manuscrito.

Usamos o livro *História e Cultura Negra – Quilombos em Mato Grosso – Ensino Fundamental* (SEDUC/MT, 2008) como base para as leituras/aprofundamentos da Roda; que foi elaborado pela própria Secretaria de Estado de Mato Grosso, com o objetivo de proporcionar ferramentas aos professores das escolas estaduais e municipais em cumprimento da Lei Nº 10.639/03 (BRASIL, 2003).

## 2. Somos descendentes de seres humanos que foram escravizados

“O que separa as mulheres negras de qualquer pessoa é a oportunidade”  
(Viola Davis, 2015)<sup>8</sup>

São mais de duas mil comunidades quilombolas certificadas no território brasileiro (CPISP, 2015). Entretanto opta-se por iniciar-se pela história dos quilombos a partir da história da escravidão no Brasil que perdurou por 358 anos de política escravista oficial (1530-1888), excetuando-se os anos subsequentes nos quais a exclusão social continuou, devido ausência de políticas públicas de reconhecimento da mesma, até final do século XX.

Pessoas negras aportaram no litoral brasileiro como escravizados para servir aos senhores dos engenhos de cana-de-açúcar, sendo estes também habitantes ilegítimos do país que fora recentemente invadido/ocupado, cujos habitantes originais, os indígenas, não se adequavam aos propósitos da escravidão, segundo estes mesmos exploradores; vale ressaltar que nem tampouco os recém-chegados africanos aceitaram a escravização passivamente; haja vista a formação dos quilombos, símbolo de resistência e resiliência, objeto tangencial do presente estudo.

Segundo Costa (2011) historiadores discordam acerca da quantidade de escravizados que chegaram ao Brasil, estimando-se uma média de 10 a 13,5 milhões, até a sua proibição oficial em 1855, pela Lei Eusébio de Queirós; todavia é consenso que o último desembarque só ocorreu em 1855 em Serinhaém em Pernambuco (COSTA, 2011). O Brasil é a primeira ou a segunda maior sociedade escravista da história moderna, só equiparando-se aos Estados

---

<sup>8</sup> Trecho do discurso proferido por Viola Davis, atriz negra americana, ao ganhar o prêmio de melhor atriz protagonista – o EMMY – dado as séries de televisão pelo seriado *How to get away with Murder*; Marco histórico por tratar-se da primeira vez que se dá um 1º. lugar a uma atriz negra naquele país.

Unidos que contava com quatro milhões de escravizados em 1863; nascendo daí uma sociedade repleta de dores, racismo e contradições e números que demonstram a desigualdade por ser um país com a segunda maior população negra do mundo (BAHIA - DO, 2005).

Ainda que tardia e recentemente, surgem as políticas de cotas raciais para criar oportunidades aos descendentes dos escravizados. A política de cotas, ainda tema de discordância e desentendimento por parte de uma parcela da população, tem sua implantação apoiada por intelectuais, teóricos e líderes formadores de opinião que vivenciam o tema, haja vista sua ainda necessidade, na atual conjuntura marcada pela exclusão social, bem como o seu caráter indenizatório, e de cuja vigência será provavelmente temporária.

O sistema social e econômico imediato de uma pessoa e a maneira como este ambiente interatua, com seus recursos psicológicos e atitudes de adaptação, são muitas vezes dominantes na sua condição/situação de saúde, seja física e/ou mental. Silva (2004, p.129)<sup>9</sup> afirma que, no Brasil, a maioria dos brasileiros “em que se inclui um enorme contingente de negros, vive em constante sofrimento mental, devido às precárias condições de subsistência e à falta de perspectivas futuras”.

Segundo Miranda<sup>10</sup>:

O racismo é provavelmente o maior acidente histórico sofrido pelos africanos e seus descendentes, podendo ser descrito como a negação pura e a desvalorização sistemática dos atributos humanos dos afrodescendentes, que são impedidos de exercer plenamente a sua cidadania. (MIRANDA, apud Silva, 2004, p. 129)

Ambas as pesquisadoras supra citadas, referem-se ao racismo institucionalizado como uma força oculta/invisível determinante no acesso diferenciado dos afrodescendentes aos aparatos sociais o que gera conflitos nas relações inter-étnicas. Tudo isto provoca desigualdades na maneira como os grupos racialmente oprimidos, vão inserir-se nesta sociedade/sistema, gerando impactos danosos em sua dinâmica psíquica.

A autora vai falar do inconsciente individual e coletivo marcados pelo racismo e sexismo, manifestos por meio dos preconceitos, estereótipos<sup>11</sup> e discriminação, como causa

---

<sup>9</sup> Maria Lúcia da Silva é psicóloga, psicoterapeuta e ativista do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras. Foi presidente do Instituto AMMA Psique e Negritude (2004); organização criada em 1995, que desenvolve suas atividades privilegiando uma abordagem psicossocial no tratamento da exclusão, particularmente da discriminação racial.

<sup>10</sup> Doutora e pesquisadora, coordenadora da Área de Saúde Mental, Programa de Atenção à Saúde da População Negra da UFBA - Universidade Federal da Bahia.

<sup>11</sup> Em Gonçalves, Leitão e Santos (2009) se encontra uma definição de **estereótipo** como sendo estruturas cognitivas formadas pelos conhecimentos e expectativas acerca de outras pessoas, compartilhadas por indivíduos

primeira de situações de violência física, verbal ou não-verbal, simbólica, as quais por sua vez, produzem marcas psíquicas, resultam em dificuldades e confundem sentimentos e senso de auto-eficácia, autoestima, ou seja, a auto-percepção tanto da imagem corporal (beleza<sup>12</sup>) quanto do seu *self*<sup>13</sup>, tudo isto forma o autoconceito “maneira pela qual a pessoa organiza as percepções sobre si mesma, é um processo que começa no nascimento, desenvolve-se ao longo da vida, de acordo com as experiências vivenciadas do dia-a-dia” (SILVA, 2004).

Este conjunto de auto-percepções, que podem ser duradouras ou temporárias, é que formará o autoconceito e é claro marcará notadamente a maneira daquele sujeito de estar, ver o mundo e se ver/estar nele, seu comportamento, autovalorizando-se positiva ou negativamente. Constantes exposições a situações de humilhação e constrangimento sem dúvida provocarão rebaixamento da auto-estima e conseqüente construção de uma autoimagem distorcida.

Sobre estereótipos, o psicólogo Joshua Aranson na década de 90 na Universidade de Stanford\ Califórnia nos EUA, fez um experimento com alunos negros e brancos, cujo intuito era tratar um problema conhecido naquele país como *ameaça dos estereótipos*. O que intrigava Aranson era sobretudo a diferença relativamente grande entre estudantes negros e brancos, sempre com proficiência inferior para os primeiros, no que tange ao desempenho em testes de aptidão intelectual. O experimento consistiu basicamente em aplicar-lhes um teste idêntico em dois grupos distintos: no primeiro grupo tinham que identificar-se pela cor\etnia e o segundo não necessitava da identificação étnica. Apesar de conteúdo igual, aqueles estudantes negros pertencentes ao grupos dos identificados alcançaram piores notas em relação àqueles negros não identificados etnicamente.

---

pertencentes a determinado grupo, sobretudo em função da categoria social a que tais pessoas pertencem. Para os referidos autores, os estereótipos apresentam custos cognitivos e sociais tanto para o percepcionador social quanto para quem é o alvo da percepção. Acabam por influenciar os comportamentos de quem vê mediante quem é visto, sem que tal situação corresponda necessariamente, e muitas vezes não corresponde, à realidade.

<sup>12</sup> Imagem Corporal é a figuração do próprio corpo formada na mente da pessoa, ou seja, a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio, não necessariamente em correspondência com a realidade, e carregado de conteúdos culturais, publicitários, midiáticos e psicológico/emocionais.

<sup>13</sup> SELF - é o *si mesmo*, o conhecimento que o indivíduo tem sobre si próprio; arquétipo *junguiano* principal trata-se do centro de toda personalidade; dele emana todo o potencial energético de que a psiquê dispõe. (consciência reflexiva, interpessoalidade e capacidade de ação). Self por Jung; “*O Si mesmo representa o objetivo do homem inteiro, a saber, a realização de sua totalidade e de sua individualidade, com ou contra sua vontade. A dinâmica desse processo é o instinto, que vigia para que tudo o que pertence a uma vida individual figure ali, exatamente, com ou sem a concordância do sujeito, quer tenha consciência do que acontece, quer não*”.

A conclusão do experimento de Aronson, mostra que não havia diferença de intelecto em ambas as etnias, mas sim, “nos dá indícios claros de que há uma ideia herdada de uma crença passada que diz que os negros são intelectualmente inferiores” (PETRY, 2018, p. 328). Continua o autor: “Enquanto eram solicitados a identificar sua etnia, lembravam-se de que eram negros e algo que reduzia seu desempenho era ativado no cérebro. (...) o que é essa ideia central ela é nossa própria compreensão do tipo de pessoas que acreditamos ser” (PETRY, 2018, p.342).

### 3. Humanos Direitos

"O ato de universalizar direitos, mormente na educação, implica identificar e nominar, em situações concretas do cotidiano da existência humana, as singularidades, especialmente em formações sociais que, tradicionalmente as desconhecemos, seja por via da omissão, seja por via da generalização que não lhe dá cobertura."  
(CNE, 2015)

São inúmeros os autores que trabalham com direitos humanos com enfoque nos excluídos, que afirmam que o efeito do racismo/exclusão vai recair diretamente na formação de um conceito pejorativo sobre si mesmo, num autoconceito negativo e depreciativo, haja vista que ele ataca o sujeito naquilo que lhe dá consciência de identidade: seu corpo, além de que estereótipos não são necessariamente mentiras, mas são incompletos e privilegiam uma história única, sob apenas um ponto de vista (SILVA, 2004; SANTOS, 1999; ADICHIE, 2012).

É sabido que:

O racismo atua negativamente na esfera intrapsíquica, afetando o eu e comprometendo sua identidade. Essa ocorrência se deve às repetidas experiências de desvalorização da autoimagem, difundidas tanto pelas instituições como pelas relações interpessoais, e à interiorização do eu ideal europeu, branco (SILVA, 2004, p.131).

O ataque ao corpo do negro é constante; é sabido que o corpo está demarcado pelos valores sociais, nele a sociedade fixa seus sentidos e valores. Portanto essas situações podem provocar processos de desorganização psíquica e emocional. (..) O Estado Brasileiro, produtor das desigualdades, através dos instrumentos de segregação que inviabilizam a mobilidade da população negra, é o grande responsável por este estado de coisas, cabendo-lhe mudanças na sua estrutura, de forma a contemplar ações específicas de combate, assim como garantia de acesso a serviços humanizados. (SILVA, 2004, p. 132).

### 4. Barreiras atitudinais

“O universalismo que queremos hoje é aquele que tenha como ponto em comum a dignidade humana. A partir daí surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Temos direitos de

ser iguais quando a diferença nos inferioriza. E direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.”  
(Boaventura de Souza Santos, 1997).

Uma emergente autora, Grada Kilomba, cujo livro em português foi recentemente publicado - *Plantation Memories*, 10 anos depois da primeira edição em alemão, e trata-se da sua tese de doutoramento numa universidade alemã, defendida com a mais alta e rara distinção acadêmica naquele país- *summa cum laude* - traz considerações importantes sobre racismo, assunto ainda deficitário no meio acadêmico, conforme define a própria autora. (KILOMBA, 2019).

Ela traz o racismo como um propósito europeu de colonização e que compõem a atual fortaleza europeia; entretanto a autora aponta que a referida violenta realidade é vista, infelizmente, como um fenômeno periférico e ainda pior, visto pelas próprias vítimas também como um fenômeno não central. O racismo é tratado como algo localizado na superfície das coisas, conforme diz a referida pesquisadora. Há uma fantasia predominante de que o racismo seria algo que apenas há nas estruturas das relações sociais, e a autora ao contrário, crê que o racismo é um determinante dessas relações. (KILOMBA, 2019).

Kilomba (2019) fala de um sentimento de comemoração e glorificação da história da colonização, por parte dos colonizadores e a partir disso define racismo em três características: a construção da diferença - não seria o sujeito branco diferente do negro? - valores hierárquicos que mostram que há inferioridade, desonra e estigma em ser negro; e a supremacia branca dada pelo poder político, social, histórico e econômico.

Munanga (2012), professor Doutor da USP, afirma que ao chegar no Brasil em 1975, direto para o doutoramento naquela instituição, começou a perceber que que era um dos poucos negros com esta possibilidade no país, e que portanto era o único negro em muitos espaços, e que era olhado como alguém que não é daqui, não é como *nossos negros*; Dr. Munanga afirma que este estranhamento não era costumeiramente por ele ser estrangeiro, congolês, mas havia uma implícita comparação com os negros brasileiros, que não entram em certos lugares ou não o fazem de cabeça erguida.

## **5. Quilombos de Mato Grosso – história de espaços de resistência e sua multiplicidade**

Segundo o INCRA, órgão responsável pelo reconhecimento dos quilombos, a definição de comunidades quilombolas é:

Grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. Estima-se que em todo o País existam mais de três mil comunidades quilombolas (INCRA, 2015).

Até 2003 o Ministério da Cultura detinha a competência para a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como a determinação de suas demarcações e titulações, porém a partir do Decreto 4883/03 passa finalmente para o INCRA cuja regulamentação se deu por meio do Decreto nº 4.887 de 2003.

As novidades são que este texto legal prevê o autoreconhecimento como critério de condição para certificação da área, bem como a possibilidade de legalização de quilombos urbanos; vale ressaltar que a autodefinição é uma prerrogativa legal sustentada antes pela OIT<sup>14</sup> em sua Convenção 169 e só depois incorporada à legislação brasileira pelo Decreto Legislativo 143/2002 e Decreto Nº 5.051/2004. Assim é a própria comunidade que se autoreconhece *remanescente de quilombo*.

### 5. 1. Relato de Experiência – A roda de leitura/conversa *Conhecendo a Mãe África – inspiração para resgate da identidade negra*

“(…) no fundo, há duas histórias da verdade. A primeira é uma espécie de história interna da verdade (...): é a história da verdade tal como se faz na ou a partir da história das ciências. (..) parece-me que existem (..) em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, (...) regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios (...) de saber – e por conseguinte podemos, a partir daí, fazer uma história externa, exterior da verdade.”

(Michel Foucault)

As Rodas de leitura\conversa começaram informalmente, quando já havia uma intenção prévia por parte da representante do SEBRAE/MT, a educadora Iane The<sup>15</sup>, e organizadora da Roda; entretanto mesmo ela sabia que tal intento não poderia ser imposto; havia uma necessidade real de iniciar o trabalho na comunidade pelos estudos da história da África, mas também de sensibilizá-la de algum modo, para fazer o registro das próprias histórias cotidianas dos assentamentos das pessoas da região.

---

<sup>14</sup> Organização Internacional do trabalho – IOL, organismo ligado a ONU que traça paradigmas que devem ser obedecidos por seus países membros.

<sup>15</sup> Co-autora deste estudo, Iane Thé na época integrava a Unidade de Agronegócios; atualmente está na área de obras e serviços de engenharia da Unidade de Logística.

Os encontros quinzenais iniciaram com aproximadamente duas dezenas de líderes dos quilombos da região de Poconé, centralizados no quilombo do Chumbo e mantiveram-se por pouco mais de um ano. Fomos tecendo a teia do ontem com os fios do hoje: o grupo se surpreendia com as histórias do livro, por exemplo, de que a África tinha reinos extremamente organizados com reis, rainhas, e também escravizados, muito antes das invasões europeias e do tráfico negreiro para o continente *novo*. Na África havia, constataram surpresos, pessoas que jamais poderiam ser confundidos com povos sem cultura ou sem alma, como se difundiu por muitos anos, devido, sobretudo, a história oficial contada pelo colonizador português pautado em sua respectiva religiosidade. Estamos falando, entre outros, do Egito antigo, berço do atual conhecimento matemático de medições, frações, engenharias, arquitetura, etc.

Por questões éticas, conforme acordado com o SEBRAE, devido intenção de publicação na íntegra, não iremos partilhar na totalidade as produções escritas pelo grupo de autores das Rodas de Conversa neste relato, apenas alguns depoimentos recontados, mantida obviamente a autoria. Também há poemas; destacaremos um que conta que outrora Chumbo vivia em sistema de comuna – o faxinal: onde tudo, sobretudo a terra, era compartilhada, respeitando o direito comum de todos a ela. Eram na época cerca de cento e setenta e cinco hectares (175) de terra comunitária, que hoje se reduziu a doze (12), segundo Seu Resiliência - neste âmbito serão colocados pseudônimos criados pela primeira autora para preservar o anonimato dos participantes.

As histórias nascidas a partir da Roda registram a vida sob a impressão dos moradores das comunidades que representam os Quilombos de Poconé. Em sua maioria foram mantidas na íntegra, num esforço de salvaguardar a sua pureza, todavia mantendo os quesitos da norma culta\padrão do registro formal da língua portuguesa e pretende-se ainda, publicá-las integral e oficialmente pelo SEBRAE/MT.

*Quando passou o tempo meu pai já velho, né, já tava o que... já tinha perdido as vistas. Apareceu um cara lá, Seu Sebastião e disse: “eu tô sabendo que o senhor tem umas terra ai, o senhor poderia vender para gente?” Ai eu falei não! Nós não temos terra para vender! Nós somos bastante... somos 9 filhos... tem filho que já morreu... mas tem os netos que tá tudo ai. (...) Aqui ninguém tinha cerca ..Aqui era tudo comum.. (...) Daqui até para Campina de Pedra era a mesma coisa... era tudo em comum... tudo união... depois foi mudando. (Seu Resiliência, julho de 2010)*

Sobre o nascimento do quilombo Laranjal, ao mencionar o Senhor Antônio Dias, nascido em 1844 e falecido em 1959, com 115 anos, uma descendente do mesmo, atuante no movimento quilombola, diz:

*Ele tinha os terreno e foi acolhendo os novos vindores. Com isso a comunidade foi crescendo, sendo também comum as plantações de arroz, feijão, milho, abóbora, mandioca, banana, etc. Seu Antônio Dias sabia fazer carro de boi, que era o meio de transporte para ir a cidade trocar os mantimentos. A base da economia era a troca e não a venda. Além disso ele era benzedor de cobreiro, peito aberto, sapinho, bicho do chão, dor de cabeça, dor de dente, etc. Também benzia nas comunidades vizinhas. Ele passou para o seu neto, Manoel Bonifácio, a sua função de benzer e acolher os amigos e parentes em seu terreno... Só que os fazendeiros da região começaram a cercar a terra, e pouco a pouco os moradores foram se espremendo e com isso moram na beira da estrada. (Flor da Resistência, líder comunitária).*

Senhor Coragem, contava uma história da Usina Santa Fé, no município de Poconé sobre como eram tratados os trabalhadores na área da alimentação. Em suas palavras:

*Cozinhava-se em um tacho de feijão embichado, ia no tendau e cortava aquela carne e sentia a parte que estava mal cheirosa. Justamente essa era jogada no feijão. Assim era feita a alimentação para o trabalhador naquela época. Na hora de comer, o peão que não quisesse comer essa comida ia para o tronco... que eram dois: tinha o tronco de cintura e o tronco de saco<sup>16</sup>. Esse era o que ele contava do passado...*

Senhor Artista, um atual líder comunitário, contou, que um dia foi chamado para puxar uma reza cantada em Poconé. É sempre assim, diz ele. Entendemos que justamente foi chamado para ir ao lugar onde, diz a lenda poconeana, não entravam pretos. Ele foi, rezou devotamente, mas observou que as bebidas e comidas não lhes eram servidas igualmente como para todos os presentes, que eram pessoas brancas. A reza devota abre caminhos onde a cor da pele por si só, conforme *reza a lenda* entre os negros poconeanos, ainda é motivo de exclusão:

*Senhor São Francisco,  
Por vossos cordões  
Pedimos senhor  
Que molhe este chão  
Pedimos senhor que molhe este chão  
Senhor São Francisco  
Estrela mais bela  
Pedimos senhor  
Que molhes esta terra.*

## 6. Considerações Finais

Aprendemos nas rodas de conversa\leitura sobre reinos africanos: Congo, Iorubá, Hauçás e Benim. Reconhecemos heróis e heroínas negros e negras do Brasil: Pixinguinha; cantando uma

---

<sup>16</sup> Como o próprio nome diz: puxava os homens pela região genital; A Usina de açúcar de Poconé hoje em ruínas, tem apenas parte de suas paredes ainda em pé. Dizem os habitantes que há mais de 100 anos está desativada. Hoje outra usina em Chumbo, desta feita de álcool, é fator econômico importante; empregadora de muitos habitantes da região, sobretudo dos pais de família, em 2009 ficou desativada por problemas financeiros. Em 2012 houve notícias de flagrante de trabalho escravo pelo Ministério Público: <http://g1.globo.com/mato-grosso/videos/v/flagrante-de-trabalho-escravo-em-usina-de-alcool-em-pocone/2061694/>

de suas obras de arte: *Carinhoso*, acompanhada pelo olhar atento e o cantarolar discreto das mulheres da Roda.

Nos surpreendemos como sabíamos da história de alguns desses heróis e desconhecíamos que eram negros, como por exemplo a criadora do consagrado ritmo chorinho, a compositora Chiquinha Gonzaga. Alguns eu nunca tínhamos ouvido falar, como Antonieta de Barros, Lélia Gonzalez e Auta de Souza... talvez por serem mulheres? Assim como há poucos registros formais de mulheres na matemática, na química, na ciência, muito embora elas tenham existido e contribuído muito para as respectivas áreas.

Fizemos um verdadeiro desfile de imortais: Machado de Assis, Lima Barreto, José do Patrocínio, Aleijadinho, Carolina Maria de Jesus, do famoso *Quarto de Despejo*, João Cândido, este último com direito a música/homenagem: *Salve o navegante negro, que tem por monumento, as pedras pisadas do cais...mas faz muito tempo*.

O desfilar do rosário sagrado daquelas pessoas qual contas preciosas, cuja memória e obra foi homenageada por nós, fez-me aprender e me emocionar. A emoção esta sim, permanece secreta, mas igualmente importante para o resgate da estima de um povo que talvez ainda não compreenda seu real legado; “perspectiva com a qual me irmano, sobretudo e também pela cor da minha pele” (Cleo, a primeira autora).

## 7. Referências bibliográficas

ADICHIE, C. N. *O perigo da História única* (Conferência). TED. 2012, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc> Acesso em: out. 2019.

BAHIA. DO (Diário Oficial). Boletim *online* da Companhia de Processamento de Dados da Bahia (PRODEB) em 26 de maio de 2005. Disponível em: <http://www.prodeb.ba.gov.br/modules/news/article.php?storyid=386> Acesso em: 25 out. 2019.

BRASIL. *Lei Nº 10.639 de 2003*. Altera a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (Lei 9394/96) e inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-Brasileira*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm) Acesso em: jun. 2019.

CPISP – *Comissão Pró-Índio de São Paulo*. 2015. Disponível em: <http://www.cpispp.org.br> Acesso em: out 2019.

COSTA, L. *Escravidão Negra no Brasil*. 2011. Disponível em: <http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br/2011/02/escravidao-negra.html> Acesso em: jun. 2019.

CNE – Conselho Nacional de Educação. *Nota pública do CNE* dirigida às assembleias legislativas, câmara legislativa do DF e vereadores, aos Conselhos estaduais, distritais e municipais de Educação e a sociedade brasileira. Setembro 2015. Disponível em: <http://www.cnte.org.br/index.php/comunicacao/noticias/15472-nota-publica-as-assembleias-legislativas-a-camara-legislativa-do-df-as-camaras-de-vereadores-aos-conselhos-estaduais-distrital-e-municipais-de-educacao-e-a-sociedade-brasileira.html> Acesso em: nov 2019.

GONÇALVES, G; LEITÃO, J. C.; SANTOS, J. *Gerir estereótipos: ao longo da vida: uma convivência difícil*. In: MOREIRA, M. H.; GABRIEL, R. C. *Menopausa em Forma: Promoção do Exercício e da Saúde em Mulheres Pós-menopáusicas*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Menopausa, 2009.

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PETRY, J. *Os atrevidos dominam o mundo*. São Paulo: Academia, 2018.

SANTOS, B. de S. *Pela Mão de Alice: o social e político na pós-modernidade*. 7.ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SEDUC/MT. *História e Cultura Negra – Quilombos em Mato Grosso*. Cuiabá: Secretaria de Educação, 2008.

SILVA, M. L. *Racismo e os efeitos na saúde mental*. In: I Seminário Saúde da População Negra. FUNASA, 2004. Anais ... Disponível em: <http://www.mulheresnegras.org/doc/livro%20edu/129-132MariaLucia.pdf> Acesso em: out. 2019

SILVA, M. L.; MIRANDA, D. *Saúde mental e racismo*. In: III Conferência Nacional de Saúde Mental, Brasília/DF. Anais ... Brasília, dez. 2001.

MUNANGA, K. *Nosso racismo é um crime perfeito* (entrevista à revista Fórum). Revista Fórum, 09\02\2012. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/revista/77/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/> Acesso em: 29 nov.2019.